

## Diálogos entre Roland Barthes e Maurice Blanchot: o grau zero da escrita em um livro por vir

Silvia Muramoto Hoshino<sup>1</sup>

RESUMO: Roland Barthes foi um homem plural. Escreveu uma extensa obra e se impôs como uma grande referência nos estudos literários, falou também sobre moda, fotografia, teatro e culturas orientais. O conjunto de sua obra serviu de inspiração e abriu um diálogo com diversos autores de sua época, entre eles Maurice Blanchot. Este, ao contrário de Barthes, foi tímido e reservado, porém, é considerado um dos maiores críticos literários do século XX. *O livro por vir*, de sua autoria, traz referências diretas em um capítulo inteiro dedicado a *O grau zero da escrita*, de Barthes. O que une os dois autores e permite essa relação são os pontos em comum de suas pesquisas, neste caso a busca do que Barthes chama de “escrita branca” e Blanchot de “neutro”, ou seja, uma escrita despida das ideologias, impessoal, ausente. Esta comunicação tem como objetivo analisar a maneira como esse diálogo se deu, o que é o grau zero da escrita, quais são as demais ideias barthesianas abordadas por Maurice Blanchot, tais como a distinção entre língua, estilo e escrita, e como ele as interpretou.

PALAVRAS-CHAVE: Roland Barthes; Maurice Blanchot; Escrita branca; Neutro.

## Dialogues between Roland Barthes and Maurice Blanchot: writing degree zero in a book to come

ABSTRACT: Roland Barthes was a plural man. He wrote an extensive work and established himself as a great reference in literary studies. He also talked about fashion, photography, theater and Eastern cultures. The body of his work has inspired and opened a dialogue with other authors of his time, Maurice Blanchot, for instance. Unlike Barthes, he was shy and reserved. However, he is considered one of the greatest literary critics of the twentieth century. *The book to come* has clear references in an entire chapter devoted to *Writing degree zero*, from Barthes. The relation between the two authors can be established through the common points of their research, namely the search of what Barthes calls “white writing” and Blanchot calls “neutral”, which is a writing free of ideologies, impersonal, absent. This paper aims to analyze how this dialogue took place, what is writing degree zero, what are the other barthesian ideas studied by Maurice Blanchot, such as the distinction between language, writing and style, and how he interpreted them.

KEYWORDS: Roland Barthes; Maurice Blanchot; White writing; Neutral.

Quando falamos da crítica literária francesa do século XX, é inevitável que dois nomes nos venham à mente: Roland Barthes e Maurice Blanchot. Enquanto o primeiro optou por uma carreira acadêmica, se dedicando aos mais diversos assuntos além da crítica literária, como por exemplo, a moda, a fotografia, o teatro e as culturas orientais, o segundo seguiu também escrevendo, porém em total isolamento, se refugiando no silêncio, buscando o desaparecimento e a neutralidade. Christophe Bident, biógrafo de Blanchot, sintetiza tais características na seguinte frase: “Blanchot foi o homem do absoluto, Barthes aquele do plural” (BIDENT, 2007, p. 98).

O que une, então, dois homens tão diferentes? Ambos nasceram na França, com apenas alguns anos de diferença, Maurice Blanchot em 1907 e Roland Barthes em 1915. Tiveram trajetórias singulares, porém, em diversas ocasiões, se aproximaram através de suas obras e utilizaram-nas para dialogar. São nesses diálogos que iremos nos concentrar, especialmente no que diz respeito ao grau zero barthesiano e à neutralidade blanchotiana.

É importante ressaltar que, em 1978, Barthes ministrou um curso no Collège de France intitulado “O neutro”, e apesar de esse nome remeter ao neutro de que fala

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail para contato: [silviamuramoto@gmail.com](mailto:silviamuramoto@gmail.com).

Blanchot, o objetivo dessa comunicação é comentar os conceitos dos dois autores nos livros *O grau zero da escrita* e *O livro por vir*.

Segundo Bident, Blanchot foi muito mais citado por Barthes do que o contrário aconteceu. Após um breve estudo do índice onomástico das *Obras Completas* de Barthes, pudemos ver que ele menciona Blanchot 35 vezes em 23 textos diferentes da coletânea, ora concordando, ora discordando, mas quase sempre exaltando o conjunto e a genialidade de seus escritos, colocando-o lado a lado com outros grandes autores da época.

Em 1953, um ainda desconhecido Roland Barthes publica *O grau zero da escrita*, que reúne uma série de artigos publicados entre os anos de 1947 a 1951. Este causou um grande impacto no meio intelectual e não passou despercebido aos olhos de Blanchot. Seis anos depois, o último publica *O livro por vir*, no qual, no capítulo “A busca do ponto zero”, dialoga explicitamente com o livro de estreia de Barthes.

Retomando a obra de 1953, temos nela, em um primeiro momento, a definição de escrita. Temos como ferramentas do escritor a língua, o estilo e a escrita. Os dois primeiros fazem parte da bagagem de cada indivíduo, mas sozinhos são como um diamante bruto, a escrita é a forma de lapidá-lo, só a partir dela que temos a formação de uma identidade.

A escrita é o canal que relaciona a criação literária com a sociedade. Barthes vai além, afirma que a escrita “é um jeito de pensar a Literatura, não de estendê-la” (BARTHES, 2004, p.14). Por esta razão, o escritor torna-se responsável pela moral da forma, ou seja, o escritor deve ter consciência e assumir a responsabilidade do que os seus escritos e o modo como ele os escreve, implicam e impactam na sociedade que os recebe.

Até meados do século XIX, tínhamos a burguesia como classe dominante e “uma escrita única, ao mesmo tempo instrumental e ornamental, que a sociedade francesa dispôs durante todo o tempo em que a ideologia burguesa conquistou e triunfou” (BARTHES, 2004, p. 48). No final do mesmo século, Barthes elenca três fatores que culminaram na ruptura dessa escrita burguesa: a inversão demográfica europeia, o surgimento do capitalismo moderno, a partir da substituição da indústria têxtil pela indústria metalúrgica, e a secessão da sociedade francesa em três classes inimigas. Assim, a ideologia burguesa acaba por se revelar insuficiente, já que não demonstra uma consciência do todo. Sua linguagem e estilo já não conseguem abranger as condições de sua sociedade e entram em colapso. É quando surgem as chamadas escritas modernas, libertas do pensamento e domínio burguês, expressando suas próprias ideologias e buscando responder ao que Barthes chama de “problemática orfeica da Forma moderna: escritores sem literatura” (BARTHES, 2004, p. 52).

Ainda evocando Barthes, ele diz que “Cada vez que um escritor traça um complexo de palavras, é a própria existência da Literatura que está sendo questionada: o que a modernidade dá a ler na pluralidade de suas escritas é o impasse de sua própria história” (BARTHES, 2004, p. 52). Esse questionamento da Literatura é uma questão trabalhada por diversos autores, incluindo Blanchot, em *O livro por vir*, que veremos mais adiante.

O segundo momento do livro trata da escrita no grau zero, Barthes também a chama de escrita branca, uma escrita despida de ideologias e estilos, impessoal, ausente, que não se submete às leis da literariedade. Temos aqui a retomada da ideia do rompimento do pensamento burguês, chegamos ao grau zero da escrita após passarmos pela total destruição da ideologia burguesa, ou seja, a escrita branca é o que resta após aniquilarmos a própria literatura.

Em 1959, é lançada a primeira edição de *O livro por vir*, uma de suas obras mais importantes, que propõe um questionamento de elementos tradicionais da literatura, como a temporalidade e até mesmo sua própria finalidade. Todos esses elementos, porém, nos levam a um denominador comum: o processo da escrita. É neste ponto que o diálogo com Barthes acontece.

Esta obra é dividida em quatro partes, nas quais temos uma progressão de pensamentos que culminam na utopia do livro por vir. Blanchot nos fala do canto das Sereias, uma alusão à escrita em devir. Ele invoca esses seres fantásticos para ilustrar a

sedução que a literatura exerce sobre os homens, em especial os escritores. Ela exige, deles, uma transformação, que acontece em todos os sentidos, ou seja, aquele que escreve se modifica profundamente e isso acontece, na mesma medida, com a narrativa. Essa transformação é o que o autor chama de metamorfose e é por meio dessa metamorfose que os escritores vão em busca do canto das sereias.

A ideia da obra como um espaço esférico também nos leva a reflexões interessantes. É no centro dessa esfera que está a origem do canto das sereias, por isso a obra vai em direção a ela mesma, em busca de sua origem, de sua essência, de seu ponto zero. Aqui podemos citar uma das mais célebres frases de *O livro por vir*: “a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento” (BLANCHOT, 2005, p. 285).

A questão do ponto zero é tratada mais profundamente na última, e talvez mais importante, parte do livro. Para Blanchot, tudo que é escrito faz parte de um espaço sagrado, que ele chama de espaço literário. Se outrora procurar a perfeição do uso da língua era algo que atormentava os escritores, agora temos uma situação completamente diferente. Blanchot trata a literatura como uma espécie de religião e diz que “escrever é primeiramente querer destruir o templo antes de o edificar” (BLANCHOT, 2005, p. 303), ou seja, para que possamos ter uma literatura plena é preciso que, primeiramente, esqueçamos o que os antigos escritores desejavam, para então iniciar um novo questionamento, a busca de um “escrever sem ‘escrita’ (BLANCHOT, 2005, p. 303)”, que leva a literatura a um “ponto de ausência em que ela desaparece”. Esta é a tormenta dos escritores modernos, a procura de uma escrita neutra, livre das amarras sociais, a escrita branca de Barthes, do livro por vir, que os leva ao silêncio, ao desaparecimento.

Após essa breve reflexão acerca do grau zero da escritura de Barthes e a neutralidade de Blanchot, podemos ver que ambos se assemelham na maneira como definem seus conceitos, a diferença entre eles se dá na forma como buscam isso. O primeiro fala sobre a aniquilação da fala burguesa e o segundo fala de recolhimento, de ausência, de silêncio, que resultam no desaparecimento da literatura.

Como dito anteriormente, os dois autores tiveram trajetórias distintas, o que os reúne, porém, é o desejo de encontrar o “centro da esfera”, de atingir o cerne da criação literária, que pode ser representada pelo neutro, pela escrita em devir, pelo silêncio, de que fala Blanchot, ou ainda da escrita pura de Mallarmé e a escrita branca de Barthes.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
BIDENT, Christophe. “R/M, 1953”. MORAES, Fabiana de; QUEIROZ, André; VELASCO E CRUZ, Nina. (Orgs.). *Barthes/ Blanchot: um encontro possível?*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 97-115.  
BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. Martins Fontes, 2005.